

1. MEGHAN

MONTANHAS OQUIRRH, UTAH

UM ANO ANTES

Apesar do peso esmagador dele, o meu cérebro gritava-me que fugisse.

Foge, exigia o cérebro enquanto ele grunhia e puxava a echarpe — a minha echarpe — com mais força à volta do meu pescoço.

Em vez disso, fiquei ali paralisada, como um rato sob a pata de um gato, até que o torno de pressão e dor relaxou subitamente.

Ele fixou-me durante alguns segundos enquanto se levantava, com a boca virada para baixo em sinal de nojo. Sentia dificuldade em respirar. O seu rosto pálido pairava acima de mim na escuridão, com a verruga característica na sua face semelhante a um sinal de pontuação.

Ele deixou a echarpe cor-de-rosa e verde cair no chão ao meu lado.

Foge, gritou o meu cérebro outra vez. *FOGE!*

Mesmo assim, não me mexi. Nem sequer pestanejei.

Ele virou-se para o carro precariamente estacionado na berma da estrada de terra batida.

Eu só podia imaginar o que ele deixara na bagageira. Mas se não me mexesse, sabia que acabaria por descobrir.

Foi então que fugi, correndo para as sombras dos pinheiros que me chamavam com esconderijos, se não com segurança.

Desci aos tropeções um barranco íngreme em direção ao leito seco de um ribeiro, forçando-me a ir mais depressa e tentando não cair, nem sequer já consciente da dor na garganta.

Não tinha a certeza de para onde ia. Só sabia que devia colocar o máximo de distância possível entre mim e o *Kia Sorento* azul imaculado. E, mais importante ainda, precisava de me afastar do homem de discurso suave e giro como o caraças que o conduzia. *A agulha*, como lhe chamei quando contei à Sharesa sobre o nosso encontro. A agulha num palheiro de solteiros na aplicação MatchStrike: pais divorciados com filhos, acordos de custódia complicados e *selfies* embaraçosas em balneários de ginásio.

O Jimmy era diferente. Com os olhos escuros cor de âmbar, uma barba rente ao maxilar anguloso e um corte de cabelo com uma risca bem definida, parecia o Chris Hemsworth.

Quando mostrei a fotografia dele à Sharesa, ela até guinchou.

Eu, por outro lado, tinha mantido as expetativas controladas. Não era nova no mundo dos encontros *online*. Apanhara um *Uber* para o Gracie's Spot em Salt Lake depois do meu turno e preparara-me para conhecer o primo assustador do Chris Hemsworth. Pelo caminho, até enviara uma mensagem à Sharesa. *Ligas-me daqui a uma hora com uma desculpa?* Podia ver os três pontos de uma mensagem aparecerem de imediato depois de ter carregado no botão de enviar. *Como queiras, sabes que estás com sede*. Revirei os olhos. Mais pontos. ... *Eu ligo <3*.

Conversámos à mesa do fundo do Gracie's até à última ronda, às onze. Mandei uma mensagem à Sharesa da casa de banho a dizer que afinal não havia necessidade de me salvar.

Ela respondeu-me imediatamente, como sempre: *Seeeeeede*.

Enquanto lavava as mãos, um cartaz colado no espelho da casa de banho chamou-me a atenção. «Estás num encontro que não está a correr bem? Sentes-te insegura ou apenas um pouco desconfortável? Pergunta pela Andrea no bar. Nós certificamo-nos de que chegas a casa em segurança.» Sorri enquanto secava as mãos, grata por não precisar de perguntar. Não naquela noite. Não com ele.

Parei de olhar para o cartaz e estudei-me ao espelho. Tinha-me demorado mais tempo com o cabelo, o qual deixava normalmente caído numa linha a direito sobre os ombros. Antes, enrolara-o em ondas que pareciam ouro fino à luz do restaurante. Voltei a aplicar um

pouco do batom cor-de-rosa profundo que se tornara o meu acessório de assinatura ao longo dos anos e pressionei os lábios, perguntando-me se ele me beijaria mais tarde.

Bebi duas cervejas ao longo da noite. Não o bastante para me embebedar ou algo do género. Apenas o suficiente para me acalmar. Porque, de facto, ele não se parecia com o primo assustador do Chris Hemsworth. Era atencioso e engraçado. Até a grande verruga na face o tornava, de certa forma, mais atraente.

Ele bebeu *ginger ale*. Isso não me incomodou. Afinal de contas, eu vivia no Utah.

Só me lembro de me sentir um pouco quente demais. E de estar muito, muito feliz. As luzes cor de xarope que brilhavam nos candela-bros *sputnik* da moda tinham de repente pequenas auras à volta. Então, quando ele sugeriu que o deixasse levar-me a casa em vez de esperar por um *Uber* ao frio, nem hesitei.

O carro tinha aquelas capas de papel enrugado nos bancos, como se tivesse acabado de ser limpo.

É a última coisa de que me lembro. Até acordar com as mãos dele — e a minha echarpe — à volta do pescoço. As luzes quentes do Gracie's tinham desaparecido, substituídas pela picada de agulhas de pinheiro, por terra debaixo do meu cabelo e pela escuridão envolvente do ar gelado da noite.

Durante alguns segundos, não percebi o que estava a acontecer. Não conseguia gritar. Não era capaz de me mexer. Nem sequer perceber onde me encontrava. Doía-me o corpo todo.

A memória do nosso encontro atravessou a névoa quando vi os olhos dele a brilharem sobre mim. Já não eram quentes, nem sequer cor de âmbar, como à mesa do Gracie's. Aqueles olhos eram frios. Grandes. E cheios de raiva.

Pensei no cartaz na casa de banho do Gracie's. *Pergunta pela Andrea*.

A Andrea não me podia ajudar agora. Ninguém podia.

Movi-me mais depressa do que alguma vez me movera na vida, esquecendo a dor pulsante na cabeça e no peito e a pressão esmagadora da echarpe.

Não me interessava para onde ia. Tudo o que importava era colocar a maior distância possível entre nós, mesmo que isso significasse correr para a floresta que se aproximava.

Ouvi alguém gritar enquanto descia a encosta rochosa do leito raso do riacho. Parecia uma mulher.

Ignorei-a e continuei a correr.

Ele não me seguiu.

Não precisava de o fazer.

Porque quando finalmente parei de correr, apercebi-me, para meu espanto, de que não estava sem fôlego.

Rapidamente, o espanto transformou-se em horror.

Eu não estava a respirar com dificuldade porque não respirava sequer.

2. BRECIA

BOULDER, COLORADO

DOIS ANOS ANTES

Apercebi-me de que estava morta da mesma forma que nos apercebemos de que sonhamos. Só que ao contrário, suponho. Porque o sonho mau era real.

No início, não sabia o que acontecera. Não durante alguns segundos. Só quando me levantei — enquanto o meu corpo permanecia imóvel. Olhei para o pijama de cambraia macia que tinha vestido depois de chegar a casa do trabalho, agora sujo e húmido. Um dos meus chinelos fora empurrado, segundo se podia ver pelo verniz cor de pêsego lascado nos dedos dos pés descalços. O meu cabelo comprido e escuro estava coberto de algo mais escuro e pegajoso. Já não sentia o latejar na cabeça nem a terrível pressão no pescoço.

Ele também olhava para mim. Não para *mim*, mim. Para o meu corpo. Para os olhos cor de avelã, abertos e ensanguentados. Ele respirava com dificuldade, sem expressão. Ainda segurava a extensão.

Deixara crescer uma barba à Joaquin Phoenix que quase — mas não completamente — obscurecia a verruga escura na sua face. Fazia-o parecer dez anos mais velho do que da última vez que o vira. Se ele usasse barba naquela altura, talvez não tivéssemos saído juntos. Não me interpretem mal, fico caidinha por uma boa barba de três dias, mas esta coisa era material de ninho de pássaro. Fazia-o passar de um nove confortável para um três muito sólido.

Um ano antes, tínhamos saído juntos durante uma semana. Como sei? Porque ele ficou chateado quando passei o nosso «aniversário de

uma semana» com as minhas amigas. Eu não percebia porque é que isso o incomodava tanto. Era o aniversário da Lanelle. E, como disse, estávamos juntos há *uma semana*. Contudo, eu falava dele o tempo todo. Mal saíra desde a última separação, alguns anos antes, e sabia-me bem dizer a palavra «namorado» outra vez. Sabia bem responder a todas as perguntas sumarentas, enquanto bebíamos margaritas de melancia, sobre se ele beijava bem (sim), se era bom na cama (não faço ideia, ainda era cedo) e como nos tínhamos conhecido. Nessa, menti um pouco. Não me sentia orgulhosa de ter ficado desesperada a ponto de criar um perfil no MatchStrike. Por isso, esquivei-me à pergunta. Decidi que, se continuássemos, confessaria.

Quando me cruzei com ele à saída do restaurante, depois da festa da Lanelle, não soube o que pensar. Ele mostrou aquele seu sorriso bonito e agiu como se fosse coincidência. Foi assim que o expliquei à Lanelle e ao resto das amigas. Percebi que o achavam giro. Que me saíra bem. Portanto, pus de lado a sensação de desconforto no meu âmago, enquanto me tentava lembrar se lhe falara no nome do restaurante. Tinha quase a certeza de que não.

Aceitei que me levasse a casa, mesmo que isso significasse deixar o meu carro no parque de estacionamento do Barbacoa. No início, ele parecia apenas feliz por me ver. Mas quando lhe perguntei com quem se encontrara no Barbacoa, ele esquivou-se. Então, voltei a perguntar. Foi nessa altura que explodiu.

Falou sem parar de que o ignorara para ir ter com as minhas amigas. Depois queixou-se de que nem sequer fiquei contente por o ver no restaurante.

Mais tarde, nessa noite, mandei-lhe uma mensagem a dizer que devíamos acabar. Ele tentou imediatamente ligar-me. Quando não atendi, insistiu. E mais uma vez. E outra. Pus o telemóvel em modo avião e fui deitar-me, ainda a sentir as margaritas de melancia e a desejar não ter contado à Lanelle ou às raparigas sobre ele.

Na manhã seguinte, tinha vinte e duas mensagens de texto à espera. Começavam por ser um pouco doces. Ele tivera um dia terrível na véspera e queria muito ver-me. Compreendia porque estava chateada. Podia ter outra oportunidade? Na última mensagem, eu já era uma

cabra gorda. Uma cabra gorda que o fizera perder tempo. Assim que acabei de ler essa, chegou outra. Ele podia ver que eu lera as suas mensagens; portanto, porque não respondia? Partira-lhe o coração e agora nem sequer lhe respondia.

As mensagens sucederam-se durante os três dias seguintes, apesar de eu não responder. Por fim, bloqueei o número dele e denunciei o seu perfil no MatchStrike, pensando que talvez poupasse o trabalho a outras raparigas.

Quando as mensagens pararam, praticamente esqueci-me dele.

Redecorei o meu duplex. Arranjei outro emprego e um aumento. Fiz uma franja e madeixas no cabelo. Apaguei o MatchStrike depois de uma mão-cheia de fracassos que nem sequer passaram do segundo encontro. E adotei um gato: um siamês chamado *Frank*.

Por isso, nessa noite, quando levei o caixote da reciclagem para o pátio lateral, de pijama, ele era a última pessoa que esperava ver.

De início, nem o reconheci com aquela barba horrível. Ele estava ali quase casualmente. Tal como acontecera naquela noite no Barbacoa. Só que desta vez ele encontrava-se no meu pátio lateral. No interior da minha vedação.

Quase gritei. Só me contive quando reconheci os olhos dele. Sinceramente, senti-me um pouco aliviada por ele não ser um estranho.

Depois, zanguei-me. Já passara um *ano* inteiro. Qual era o *raio* do problema dele para aparecer assim? Assustar-me daquela maneira? Achava que o ia aceitar de volta?

Foi então que ele puxou da extensão. A minha extensão. Reconheci-a em câmara lenta quando ele veio direito a mim. Ainda não me dera ao trabalho de a trazer para dentro de casa, depois de a ter usado para ligar as luzes de Natal que finalmente me convencera a pôr.

Se querem saber, demora muito a estrangular alguém. Já ouvira isso num episódio do *Investigation Discovery*. Digo-vos que demora ainda mais quando somos nós a ser estrangulados. A minha garganta ardia. A cabeça ardia. O meu peito ardia. Até os olhos pareciam arder. Não conseguia emitir qualquer som. Nem sequer ver, enquanto as lágrimas me corriam pelas faces.

Julgo que também estava a demorar muito tempo para ele. Porque, no fim, ele bateu com a minha cabeça de lado contra o pavimento. Depois, ficou tudo escuro. O fogo insuportável desapareceu de repente, juntamente com o frio no ar e a sensação do pavimento molhado e áspero.

Quando tive o primeiro vislumbre de, bem, ainda não sabia o que lhe chamar — a minha alma? O meu espírito? O meu eco? —, foi como ver o meu reflexo num espelho. Não estava a ser levada pela brisa, nem nada disso. Não era transparente. Apenas já não me encontrava viva. Continuava a usar o pijama e os chinelos, mas estes pareciam limpos, tal como minutos antes.

Assim que ele concluiu que eu estava morta — um minuto depois de me aperceber disso —, saiu pelo meu portão das traseiras. Fiquei ao lado do meu corpo e do caixote da reciclagem que acabara de tirar da garagem.

Segui-o, descobrindo que conseguia acompanhar o seu ritmo com facilidade — algo que nunca poderia dizer enquanto viva. Cheguei a agarrar-lhe no braço e vi os meus dedos pousarem ligeiramente em cima do seu ombro. Esperava que o atravessassem.

Ele não reagiu, exatamente. No entanto, acelerou o passo, pela estrada escura, pelo passeio, até chegar ao *Kia* azul que deixara no fim da rua.

Quando abriu a porta do lado do condutor, mergulhei de cabeça no carro com ele. Não me ia arriscar a deixá-lo ir se a porta se fechasse na minha cara.

Enquanto o via entrar apressadamente no carro, sabia que não podia fazer nada pela rapariga que ficara deitada no passeio com sangue no cabelo. Não podia fazer nada pelo *Frank*, que provavelmente ainda dormia na grande cadeira de pelúcia do meu quarto.

Mais ninguém me esperava naquela noite. Ninguém se ia aperceber de que eu estava desaparecida, e muito menos morta, até não ir trabalhar na manhã seguinte. Ninguém podia fazer nada para me ajudar entretanto.

Antes de se ir embora, ele limpou as mãos com um pacote de toalhetes. Com cuidado. Quase com amor. Como se não tivesse acabado de

as usar para enrolar uma extensão suja à volta do meu pescoço, junto aos caixotes da reciclagem no meu quintal, até eu parar de lutar.

Em retrospectiva, foi nessa altura que decidi que o ia assombrar.

Estudei-o do banco do passageiro enquanto ele conduzia. Os seus olhos cor de âmbar, negros na escuridão do carro, mantiveram-se fixos na estrada enquanto fazíamos a viagem de vinte minutos de regresso a casa dele.

Não era o apartamento de que ele me falara no ano anterior — incluindo o colega de quarto que deixava as meias na cozinha. Em vez disso, tratava-se de uma pequena casa térrea de tijolo ao estilo anos 1970, em Broomfield, com uma luz do alpendre queimada.

Segui-o pelo acesso à casa, passando por um triciclo tombado sobre um canteiro de flores e um emaranhado de *Barbies* seminuas nos degraus.

A única luz ali a funcionar tremeluziu um pouco quando ele rodou a maçaneta e entrou em casa, fechando a porta atrás de si e deixando-me no alpendre durante mais algum tempo, a olhar para os brinquedos e para a profusão de azáleas nos canteiros que eu sabia que ele não plantara.

Descobri que não podia simplesmente atravessar a porta da frente, depois de ele ter entrado. Por isso, fiquei contente por me ter enfiado no carro quando tive a oportunidade.

Fiquei lá fora, no alpendre, durante algum tempo. Porque, apesar dos filmes de terror que vira, não aprendera nenhuma informação útil sobre estar morta. Conseguiria fazer mexer a maçaneta da porta se me concentrasse muito? Não. O que aconteceria se gritasse? Experimentei. Ouvia-me bem, mas, com base na reação do tipo que passeava o cão no outro lado da rua, mais ninguém ouvia.

Bem, isso não é de todo exato. O cão — um pequeno *schnauzer* cinzento — parou de andar e olhou para o alpendre.

Fiquei com esperanças.

— Olá, amiguinho! Olá! — O *schnauzer* rosnou um pouco. Cheirou. Depois, continuou a andar. O dono nem levantou os olhos do brilho azul do *smartphone*.

Virei as costas ao cão inútil e sentei-me. Estudei as minhas mãos — o reflexo delas. Observei como repousavam sobre o reflexo dos

meus joelhos. A maneira como os meus pés descansavam no cimento rachado. Mal lhe tocando, como se eu fosse feita de algo pouco mais pesado do que o ar.

Empurrei com força uma folha do degrau e vi-a mover-se tão impercetivelmente que era impossível dizer se fora o ar da noite.

Estás morta, disse a mim própria com firmeza. *Sente-te triste*.

Quando a minha tia preferida morrera num acidente de viação, a almofada de negação durara uma hora inteira. Era demasiado grande. Eu não o conseguia processar. Quando por fim caí em mim, senti-me como se me tivessem tirado o fôlego. Fora essa a sensação. Só que, desta vez, a coisa impossivelmente horrível acontecera-me.

Via formas desfocadas a moverem-se por trás do vidro martelado da janela da cozinha, sobre o canteiro. Pisei as azáleas e vi o meu reflexo espalhar-se pelos espaços entre as flores altas. As plantas não se moveram. *Eu*, sim.

Seria fascinante se não tivesse acabado de ser assassinada. No entanto, deu-me uma ideia. Não podia atravessar paredes. Nem agarrar em nada. Só parecia ter o poder do ar noturno. Nem sequer do vento. *Do ar*.

Fiquei sentada com esta ideia durante algum tempo, observando as folhas das azáleas a tremerem com a brisa ligeira. Levantei a mão em direção à planta mais próxima e agarrei num conjunto de flores. Desta vez, observei com mais atenção que a minha mão deslizava, como se fosse fumo, entre duas grandes flores magentas.

Eu não era vento; era ar. Mas o ar podia deslocar-se. E isso trouxe-me uma ideia.

Dei a volta à casa até chegar ao portão lateral, que estava fechado. Via o pátio lateral — e os caixotes de reciclagem — através das ripas. Concentrei-me no ar entre as ripas e avancei.

Com facilidade, dispersei-me pela vedação.

O meu olhar fixou-se numa porta de gato, entreaberta, que dava para a garagem. Também passei por ela. Não houve problemas.

A luz estava acesa, iluminando uma garagem limpa e algumas filas de caixas empilhadas de um lado e uma carrinha do outro. Dei uma olhadela rápida às caixas. Estavam etiquetadas com cozinha, casa de

banho, quarto, etc. Uma pilha de etiquetas e um marcador permanente estavam sobre a caixa mais alta.

Ele ia mudar-se.

Ouvi um barulho estridente atrás de mim e virei-me a tempo de ver um pequeno felino tricolor a entrar na garagem pela porta dos gatos.

— Olá, gatinho — disse baixinho, e juro que ele se sentou e ficou a olhar para mim durante alguns segundos. Depois, instalou-se frente a uma tigela de comida. Segui-o e agachei-me ao seu lado. Pensei no *Frank* com o seu miado chilreante. Estava provavelmente a rasgar a carpete ao fundo das escadas em protesto por eu ainda não o ter alimentado.

Eu sabia que não podia chorar lágrimas a sério. Mesmo assim, senti o familiar formigueiro na parte de trás dos olhos e uma tristeza que se espalhou pelo meu centro. Nunca mais voltaria a sentir o pelo felpudo por baixo do queixo do *Frank*, nem o seu ronronar quando ele se deitava na cama ao meu lado com os olhos fechados.

À medida que a sensação aumentava, ouvi um leve estalido que mergulhou a garagem numa súbita escuridão.

Fiquei paralisada, ouvindo o tilintar silencioso do filamento da lâmpada.

— Acho que fui eu que fiz aquilo — sussurrei para o gato, que continuava a comer.

Havia pequenos pontos de luz em redor da porta da casa dele. Dirigi-me para eles e para o som das vozes abafadas lá dentro.

Uma hora antes, ele tirara-me tudo o que eu tinha.

Não sabia como, mas tencionava retribuir o favor.

